

## **A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO**

### **THE IMPORTANCE OF READING FOR THE FORMATION OF THE CRITICAL READER**

### **LA IMPORTANCIA DE LA LECTURA PARA LA FORMACIÓN DEL LECTOR CRÍTICO**

Laiza Adriana Canola  
Licenciatura em Letras – Faculdades Integradas de Jaú  
E-mail: laizacanola@outlook.com

Isabella Unterrichter Rechtenthal  
Mestre em Estudos Literários – UNESP Araraquara  
Docente das Faculdades Integradas de Jaú  
E-mail: bellaur@hotmail.com

#### **RESUMO**

No processo de desenvolvimento do leitor crítico é fundamental conhecer as características e os resultados advindos das diversas concepções de leitura, ter a ciência do significado da palavra crítica ao estar associada à formação leitora e ter acesso à Literatura. O objetivo do trabalho é compreender como a leitura é o fator primordial para a formação do sujeito crítico. A leitura é o caminho para o desenvolvimento da criticidade, esta é uma competência imprescindível para viver em sociedade. A leitura precisa ser um processo em que o leitor interaja com o texto, dessa forma ele conseguirá chegar à mensagem que o autor quis passar. O leitor crítico é capaz de ler criticamente os textos e o mundo. Para ser ativo e crítico ao viver em sociedade, os alunos precisam ter acesso à Literatura. A qual tem a capacidade de humanizar os sujeitos, fazendo com que eles leiam de forma crítica o mundo a sua volta, e por isso, ela é vista como um instrumento de educação. A leitura é um caminho, e a Literatura é um instrumento, as duas propiciam um futuro leitor mais crítico.

**Palavras-chave:** Leitura. Desenvolvimento do leitor crítico. Literatura.

#### **ABSTRACT**

In the critical reader's development process, it's essential to know the characteristics and results arising from the different conceptions of reading, to be aware of the meaning of the critical word as it's associated with reading formation and to have access to Literature. The objective of the work is to understand how reading is the primordial factor for the formation of the critical subject. Reading is the way to develop criticality, this is an essential skill to live in society. Reading needs to be a process in which the reader interacts with the text, in this way he will be able to reach the message that the author wanted to convey. The critical reader is able to critically read texts and the world. To be active and critical when living in society, students need to have access to Literature. Which has the ability to humanize subjects, making them

critically read the world around them, and therefore, it is seen as an instrument of education. The reading is a path, and Literature is an instrument, both of which provide a more critical reader in the future.

**Keywords:** Reading. Critical reader development. Literature.

## RESUMEN

En el proceso de desarrollo del lector crítico es fundamental conocer las características y resultados que surgen de las distintas concepciones de la lectura, ser consciente del significado de la palabra crítica en cuanto se asocia a la formación lectora y tener acceso a la Literatura. El objetivo del trabajo es comprender cómo la lectura es el factor primordial para la formación del sujeto crítico. La lectura es la forma de desarrollar la criticidad, esta es una habilidad imprescindible para vivir en sociedad. La lectura debe ser un proceso en el que el lector interactúe con el texto, de esta manera podrá llegar al mensaje que el autor quiso transmitir. El lector crítico es capaz de leer de forma crítica los textos y el mundo. Para ser activos y críticos cuando viven en sociedad, los estudiantes deben tener acceso a la Literatura. El cual tiene la capacidad de humanizar a los sujetos, haciéndoles leer críticamente el mundo que los rodea, y por tanto, es visto como un instrumento de educación. La lectura es un camino y la Literatura es un instrumento, los cuales proporcionan un lector más crítico en el futuro.

**Palabras clave:** Lectura. Desarrollo del lector crítico. Literatura.

## 1 INTRODUÇÃO

A leitura é um caminho para o desenvolver a capacidade crítica dos sujeitos. Leitor não é um mero decodificador dos símbolos linguísticos, portanto os educadores que prezam por um ensino de qualidade adotam a concepção de leitura que resulta na formação do leitor crítico, ativo, consciente e criativo. A palavra crítica é empregada em contextos variados, porém vazia de significado; isso ocorre por ela ser polissêmica, assim, fala-se muito na necessidade de ser crítico ao viver em sociedade, mas tal habilidade não é desenvolvida quando o seu conceito não é devidamente definido.

Há pesquisas sobre a importância da leitura para a formação do sujeito desde o século XX, apontando mudanças na prática docente que já eram necessárias, mas que ainda não ocorreram. Há também renomados autores que abordam o valor da leitura para a vivência em sociedade. Assim, neste estudo, buscou-se reunir falas diversificadas, que colaboram com assunto tratado.

O tema escolhido não está relacionado apenas à área de língua portuguesa, mas também a outras disciplinas. Isso acontece devido ao fato da formação leitora não se esgotar ao domínio do código linguístico, mas repercutir na formação total do cidadão consciente que necessita de inúmeras habilidades como leitor para viver em sociedade.

A presente pesquisa contribui para tornar as aulas de Literatura e leitura mais eficientes, pois apresenta aos educadores explicações importantes sobre os conceitos de leitura, destacando a importância da leitura para a vida dos cidadãos, além de explicitar o que de fato significa ser crítico no âmbito educacional, cooperando para que haja realmente o desenvolvimento do leitor.

Dessa forma, pretende-se mostrar como a leitura contribui para o desenvolvimento do leitor crítico. Além disso, também buscou-se mostrar a importância da literatura para a formação do leitor crítico e as influências da escola, da família, da cultura no processo de desenvolvimento do leitor. Para alcançar os objetivos propostos foi usado como procedimento a pesquisa bibliográfica, realizada a partir da leitura de livros e artigos e dissertações disponíveis em meios virtuais.

No presente trabalho, as ideias foram divididas com a finalidade de mostrar de forma gradativa a ligação entre os assuntos a serem debatidos. Em um primeiro momento, apresenta-se o que é ser um leitor crítico e as influências exercidas pela escola, família e cultura para o seu desenvolvimento. Na segunda parte, é discutido e explanado sobre o que é a criticidade, ou seja, qual o seu significado ao estar relacionada ao leitor. Também foram abordadas as expectativas de desenvolvimento crítico das crianças no Brasil.

Na terceira parte, observou-se a relevância da Literatura para o despertar crítico. A partir disso, pôde-se confirmar que ela é um instrumento de educação capaz de contribuir para a formação do cidadão crítico. Por último, são apresentadas as considerações finais que reúnem as principais ideias tratadas no decorrer do trabalho.

## 2 O LEITOR CRÍTICO

Segundo o *Minidicionário Aurélio* (2001, p. 422), a palavra leitor significa “Que ou aquele que lê ou tem o hábito de ler; ledor”. Este hábito de leitura vai sendo construído a partir da primeira leitura, é como a construção de um edifício, a cada leitura feita é um tijolo assentado.

Nem todas as pessoas que leem são capazes de fazer a leitura de forma crítica, há aquelas que são apenas decodificadoras, e por isso ao terminarem de ler um texto não compreenderam o que acabaram de ler. A formação do leitor é influenciada pelas concepções de leitura adotadas pelos professores nas aulas.

De acordo com Silva (1999), há várias concepções de leitura que desencadeiam consequências diferentes no ensino, dependendo de qual será adotada influenciará na formação dos leitores. O autor divide essas concepções em duas vertentes, a saber: redutoras e interacionista. As definições redutoras dizem respeito àquelas mais simples, que desconsideram os elementos essenciais da leitura e focam na tradução da escrita em fala, na decodificação da mensagem, na extração da ideia central, no livro didático, entre outras concepções. Já a definição de leitura interacionista evidencia a relação estabelecida entre o leitor e o texto, em que a produção de sentidos é permitida por meio da compreensão e da interpretação dos signos linguísticos presentes no texto; assim, a interação entre os dois é vista como uma prática social. Nesta concepção, ler significa interagir, produzir sentidos, compreender e interpretar. Embora criticadas, as definições de leituras redutoras estão presentes nas escolas e infelizmente acabam formando leitores ingênuos e reprodutores de significados, ao passo que a sociedade brasileira necessita de cidadãos leitores que através da criatividade, da criticidade e da cidadania consigam não apenas produzir novos sentidos para a vida social, mas também transformar o meio em que vivem.

Dessa forma, a concepção de leitura adotada pelo docente em suas aulas será responsável por formar um leitor crítico ou um leitor ingênuo. O professor ao ser consciente da importância da leitura, mostra ao aluno que a leitura é um processo de interação, que é necessário analisar, compreender, questionar, avaliar para possuir uma posição crítica para viver no mundo.

Schutz e Gonçalves (2009) afirmam que o conceito de leitura vai além da decodificação dos textos escritos, pois é possível fazer a leitura de uma imagem, uma leitura visual, tudo pode ser lido, o leitor precisa compreender os diferentes tipos de linguagens existentes. Quando o sujeito olha o dia pela primeira vez, ele lê se o sol já nasceu, se o céu está nublado, se está frio ou chovendo, ele faz uma leitura sobre como está o seu dia. O fato é que os docentes precisam mostrar aos alunos que o conceito de leitura é mais abrangente do que se pensa, é necessário ler, compreender e ter criticidade ao assistir a um noticiário, ao navegar na internet, ao usar aplicativos, ao fazer uma reclamação, ao conversar com outras pessoas, ao publicar informações nas redes sociais, entre outras atividades desenvolvidas durante o dia a dia. A criticidade é essencial ao checar a veracidade das informações recebidas, ao discernir o que pode ser incorporado do discurso de outra pessoa e o que é preciso repelir, pois todo discurso é carregado

de ideologias. É muito difícil alguém ser totalmente neutro ao passar uma informação, cada pessoa tem a sua opinião, o seu ponto de vista, que é formado a partir do discurso de terceiros.

Em consonância com os autores acima, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta habilidades e competências que visam ao desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico do aluno. Para que isso aconteça, o professor deve incentivar o discente a fazer a leitura de diferentes gêneros textuais e a interagir com eles.

Nesse sentido, Schutz e Gonçalves (2009) alegam que a mediação entre o texto e o leitor nas escolas possui falhas, pois há professores que propõem aos alunos atividades voltadas apenas para a compreensão ou para o uso da gramática. Esse procedimento faz com que os textos sejam usados como pretexto para o ensino de gramática, no entanto, para que haja o desenvolvimento do leitor, é necessário compreender e fazer inferências com outros conhecimentos. A gramática e a compreensão podem ser trabalhadas juntas, não há a necessidade de uma separação. O ensino e a aprendizagem das regras gramaticais são imprescindíveis, porém é mais relevante que o discente aprenda em quais contextos elas são inseridas.

Os docentes precisam buscar novas metodologias de ensino de leitura, quando aquelas que eles estão usando não estão dando os resultados esperados. Insistir sempre nos mesmos métodos de ensino pode retardar a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno como leitor. Muitos alunos podem mudar o seu ponto de vista em relação à leitura, ao ser mostrado a eles outro ângulo de visão pelos professores ou familiares. Porém, a modificação da perspectiva da leitura não depende apenas do incentivo dos professores e familiares, há ainda muitos fatores que influenciam de forma negativa na formação de leitores.

## **2.1 Família, escola, cultura: influências externas para a formação do leitor crítico**

Nos dizeres de Azevedo (2003), são muitos os fatores que contribuem para a não formação do leitor, entre eles estão: pais analfabetos, crianças que precisam trabalhar para ajudar no sustento da família, casas com apenas um cômodo sem um ambiente favorável para a leitura, a falta de livros e de recursos para poder comprá-los, e além disso, há crianças que não podem utilizar os livros online, pois nem todos têm acesso à internet. Há também problemas relacionados à compreensão do conceito de leitura pelos indivíduos. Ao contrário dessas situações, o autor alega que as crianças e os jovens que têm uma situação social equilibrada e

possuem contato com pais ou adultos leitores podem tornar-se leitores também, já aquelas que pertencem às classes sociais elevadas e possuem contato com adultos que recomendam a leitura, mas na verdade não são leitores, dificilmente serão adultos com hábitos de leitura. Muitos estudantes só leem por obrigação, porque precisam cumprir os seus deveres escolares, mas há aqueles que realmente sentem prazer ao adquirir conhecimento através da leitura.

Assim, observa-se que há diversos fatores que contribuem para a não formação dos leitores, que abrangem desde as condições econômicas até as condições sociais, estas nem sempre são precárias, pois muitos alunos de classe alta não se interessam pela leitura.

Em uma pesquisa realizada por Schutz e Gonçalves (2009) envolvendo estagiários do nível I ao IV do meio acadêmico, nota-se que muitos passaram por dificuldades ao ingressarem na educação superior. Eles não sabiam processar os diferentes gêneros textuais, não sabiam conversar em sala de aula (qual linguagem era mais adequada para conversar em sala de aula) e como deveriam agir para que o processo de ensino-aprendizagem da leitura fosse transformado. Esses problemas resultam da forma como eles viam a leitura na educação básica, ou seja, como uma obrigação, um meio para cumprirem os deveres escolares. Embora eles estivessem estudando para serem professores, alguns estagiários ainda não tinham manifestado muito entusiasmo para buscarem novas metodologias que propiciassem um ensino de leitura mais qualificado. Houve estagiários que ao serem interrogados sobre qual era a sua concepção de leitura, simplesmente não responderam, apenas falaram brevemente sobre a importância da leitura. Já outros estudantes que também responderam ao questionário estavam preparando-se para trabalharem com textos atuais, na tentativa de aproximar mais o discente da leitura.

A má formação profissional dificulta a formação de leitores críticos. O professor precisa conhecer as diferenças entre as concepções de leitura, precisam ser leitores assíduos. O docente é observado pelos alunos o tempo todo, então se ele mostrar prazer pela leitura esse sentimento também poderá desabrochar nos discentes. Urge a necessidade de pôr em prática a concepção de leitura interacionista, que há vinte anos já era enfatizada e que ainda não foi assimilada por muitas pessoas, entre elas estão até mesmo professores.

Os docentes precisam inovar as suas formas de ensinar, buscar novas metodologias frente ao desinteresse dos alunos. Segundo Raimundo (2009), o professor precisa fazer uma sondagem sobre o que o aluno já leu, quais foram seus contatos anteriores com a leitura, qual é a sua experiência de leitura, qual o seu conhecimento sobre os gêneros literários, e a partir disso ampliar o conhecimento do aluno partindo do que ele já sabe. O educando precisa ser preparado

pelo professor para fazer qualquer leitura, além disso, é necessário deixar claro ao discente qual é o objetivo da leitura, pois cada leitura possui um objetivo diferente.

O objetivo de ler uma recita não é o mesmo de ler uma notícia ou um artigo científico, os alunos precisam entender que cada leitura possui um objetivo diferente e que os leitores antes de fazer qualquer leitura precisam definir qual será o seu objetivo.

O conhecimento prévio do aluno precisa ser considerado pelo professor, estes precisam planejar as aulas de leitura de forma que o conteúdo esteja associado à realidade do aluno para despertar a sua atenção. Dessa forma, Cafiero (2010) alega que é importante os professores incluírem em suas aulas o momento antes da leitura e o durante a leitura. Antes da leitura, deve-se mostrar aos alunos a importância das informações presentes na capa, na orelha do livro, é nesse momento também que haverá a pesquisa sobre o conhecimento prévio do aluno sobre o assunto que irá ser abordado. Haverá o levantamento de hipóteses através do sumário e do título, a definição dos objetivos, e o compartilhamento da biografia do autor. Durante a leitura, deve-se instigar o aluno a fazer previsões, a envolver-se na história.

O momento após a leitura também é importante na aula, pois nele há a discussão e o compartilhamento das impressões que sucederam a cada um durante a experiência de leitura, há uma avaliação crítica do texto e uma análise sobre o contexto em que o texto foi escrito, pode-se também fazer uma comparação com o contexto atual.

Os professores devem incentivar os alunos a ler e mostrar a eles que as habilidades decorrentes da leitura são fundamentais para viver em sociedade. Porém, às vezes mesmo estimulado pelo professor, o aluno pode continuar não se interessando pela leitura, pois mesmo que nenhum fator externo afete a formação leitora o querer ver a leitura de forma diferente deve partir do interior de cada um. Assim como a escola e os professores, os alunos também devem cumprir os seus deveres para que haja o desenvolvimento do leitor. Na tentativa de melhorar o incentivo à leitura, os professores estão buscando englobar ferramentas tecnológicas em suas aulas, embora todas as gerações façam o uso da tecnologia, as crianças e os jovens são mais facilmente atraídos pelo uso da internet, porém essas ferramentas devem ser usadas de forma consciente para que não resultem em novos problemas para a aprendizagem.

### **3 A CRITICIDADE**

Segundo Zank, Ribeiro e Behar (2015), há termos que passam por mudanças ao decorrer do tempo. Os significados desses termos são empregados por usuários que podem não conhecê-los profundamente e devido a isso acabam restringindo eles ao senso comum, dessa forma, a definição encontrada pode ser que não ultrapasse o significado presente no dicionário. Esse é o caso das palavras “crítica e criticidade”.

O desenvolvimento da capacidade crítica é de extrema importância para os seres humanos viverem em sociedade. Porém, a expressão “ser crítico” é utilizada sem que os indivíduos conheçam o seu sentido mais profundo. Não há uma reflexão por parte das pessoas do que realmente significa “ser crítico”, o que acaba resultando em uma expressão vazia de significado e dificultando a formação do sujeito crítico, já que as suas características e o seu processo de formação são desconhecidos. É necessário levar em consideração que dependendo do contexto em que as palavras estão inseridas, elas adquirem significados diferentes.

Segundo Freire (2004), a criticidade nasce através da superação da curiosidade ingênua para a curiosidade epistemológica. Aquela está anexada aos saberes do senso comum, mas ao tornar-se crítica é transformada em metodicamente rigorosa.

A consciência crítica difere-se da ingenuidade, aquela não aceita tudo o que ouve ou lê como verdade absoluta, ela sai da acomodação do senso comum. Criticidade é a capacidade de conhecer a realidade a fundo e nela intervir.

Nesse sentido, Freire (1969) afirma que há três fases de desenvolvimento da consciência crítica, a saber: A primeira fase é a intransitividade da consciência, que para o autor é representada pela falta de consciência entre o homem e a sua existência, pela limitação da apreensão e do discernimento; a segunda fase é a consciência transitiva ingênua, caracterizada pela interpretação simplista dos problemas, pela frágil argumentação, pela prática da polêmica ao invés do diálogo; a terceira fase é a transitividade crítica, na qual a educação prioriza o diálogo, visando a despertar a responsabilidade social e política, esta fase é caracterizada por uma profunda interpretação dos problemas e pela prática do diálogo.

Os alunos precisam aprender a questionar, a indagar a realidade em que estão inseridos, isso não cabe somente aos discentes, mas também aos professores. Estes precisam ser críticos ao olharem para a própria prática. Pois esta quando não está surtindo efeitos positivos deve ser modificada. Por isso, os educadores buscam novas metodologias que se adequem melhor aos alunos e aos contextos em que estão lecionando. A passagem da consciência transitiva ingênua para a crítica, dá-se a partir de uma prática pedagógica que também seja crítica. Os professores



ao serem críticos mostram aos alunos que a partir do momento que eles compreenderem o meio em que vivem poderão intervir nele, mudar a sua realidade.

Nos dizeres de Freire (2004),

[...] histórico como nós, o nosso conhecimento do mundo tem historicidade. Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã\*. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente. Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente (FREIRE, 2004, p.28).

A curiosidade crítica é capaz de fazer o indivíduo perceber o meio em que vive e que tem a capacidade de mudá-lo, de transformá-lo. O ser humano não é determinado, ao reconhecer-se como histórico, sente-se apto a construir a própria história. Os indivíduos são sujeitos da história. Ao adquirirem a criatividade, que é proporcionada pela criticidade, conseguem recriar o que já existe. Dessa forma, os professores, em suas aulas, precisam partir do conhecimento de mundo dos alunos. Ao desconsiderar a realidade dos alunos, o ensino torna-se apenas uma transferência de conhecimentos, reforçando ainda mais o modelo de ensino bancário. Este vê os alunos apenas como um depósito, dessa forma a aprendizagem não faz mais sentido para os alunos, pois eles não conseguem associar os conteúdos com a sua realidade, não conseguem desenvolver a criticidade.

O indivíduo apenas consegue ser sujeito de sua história quando obtém a percepção que é objeto dela. Ao ter consciência de sua condição, ele começa a agir para que a sua história não seja determinada, mas construída. Somente é possível mudar o meio em que se vive ao obter a capacidade de fazer a sua leitura e indagando-o por ser como é, busca-se recriá-lo a partir do que se deseja torná-lo, Freire (2004).

O leitor, ao ser crítico, lê um texto e busca compreendê-lo, o mesmo acontecerá quando ele ler a realidade em que vive. Dessa forma, a leitura um processo de interação e não uma decodificação, assim, mesmo a curiosidade crítica do indivíduo não estando totalmente desenvolvida, ela continuará a desenvolver-se quando ele questionar a sua realidade e tentar compreender não apenas ela, mas também os fatores que a tornaram assim. Os alunos precisam compreender as raízes dos problemas para chegar a uma solução. Os docentes devem ensinar e incentivar os discentes fazerem a leitura de mundo, a qual muitas vezes pode ocorrer através da Literatura.

Nos dizeres de Freire (1969), é através da prática do diálogo dos indivíduos com o mundo e sobre o mundo, que é possível tornar-se livre da passividade. É a partir da transitividade da consciência e da prática do diálogo sobre os desafios e os problemas, que o homem consegue ser histórico.

Para a pessoa não ser alienada é preciso que ela tenha autonomia para defender o seu próprio ponto de vista. O indivíduo passivo, torna-se alienado ao ser influenciado pela opinião de terceiros, que na maioria das vezes não condiz com a sua realidade. Há pessoas que, mesmo sem entenderem, passam adiante a opinião de outros, no entanto, se a compreendesse, não concordariam com ela. Essa é uma das consequências do ensino bancário, que não busca desenvolver no aluno a sua capacidade crítica para interpretar as falas, as opiniões, os fatos, os problemas, enfim o mundo em que vive. Criticidade é a capacidade de ler, refletir, compreender, intervir e obter uma resolução.

### **3.1 As expectativas de desenvolvimento crítico das crianças e adolescentes no Brasil**

Segundo Freire (1969, p.93), “A educação teria de ser, acima de tudo, uma tentativa constante de mudança de atitude. De criação de disposições democráticas através da qual se substituíssem no brasileiro, antigos e culturológicos hábitos de passividade, por novos hábitos de participação ingerência”.

Os resultados do ensino tradicional perduram até hoje, eles são revelados muitas vezes na passividade com que as pessoas aceitam sem questionarem o que lhes é imposto pelo mundo a sua volta. A educação atual busca a superação dos antigos hábitos por outros mais democráticos, que supram as necessidades dos indivíduos ao viverem em sociedade.

É devido a isso que a educação é pautada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 (LDB), que assegura no Art. 35 inciso III “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (BRASIL, 2009, p. 12).

Não apenas a LDB preza pelo desenvolvimento crítico dos alunos, mas também a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz habilidades e competências, a fim de que os objetivos educacionais sejam alcançados. Porém, a BNCC não expõe as metodologias a serem utilizadas pelos docentes em sua prática. Não há uma receita de como proceder para que realmente haja a

formação dos discentes, pois o Brasil é uma país rico em diversidade, assim, os métodos e as técnicas devem ser aprimorados de acordo com a realidade dos alunos.

Kramer (1997) alega a multiplicidade da proposta pedagógica, esta não pode ser única, pois deve considerar as diferenças culturais e sociais de cada região brasileira. Há sempre uma ligação entre uma proposta pedagógica e a realidade a que ela faz referência. É necessário pensar de forma crítica tal realidade, a fim de que seus problemas sejam enfrentados. As crianças, os jovens e os adultos possuem as suas diferenças e cada região possui as suas especificidades, assim sendo, as propostas pedagógicas devem ser ajustadas de acordo com o contexto em que a escola, os professores e os alunos estão inseridos.

Dessa forma, Paulo Freire disserta sobre o ensino significativo, que favoreça à democracia e também ao desenvolvimento crítico dos discentes:

O ensino ao ser significativo para o aluno deverá ser adaptado de forma que se adeque as necessidades dos alunos que estão inseridos em determinado contexto social. O ensino ao ser desvinculado do contexto social, deixa de ser significativo para o aluno. Dessa forma, a educação deixa de ser instrumental, de fazer com que o aluno desenvolva a sua capacidade crítica. Não seria, porém, com essa educação desvinculada da vida, centrada na palavra, em que é altamente rica, mas na palavra “milagrosamente” esvaziada da realidade que deveria representar, pobre de atividades com que o educando ganhe a experiência do fazer, que desenvolveríamos no brasileiro a criticidade de sua consciência, indispensável à nossa democratização (FREIRE, 1969 p. 94).

As expectativas de desenvolvimento crítico dos alunos brasileiros prevalecem presentes no ensino e nas leis que o regem, mas dependendo da maneira que o aluno é ensinado, influenciará de forma positiva ou negativa no desenvolvimento de tal capacidade. Portanto, as formas de ensinar devem ser condizentes ao momento educacional atual, caso contrário será o mesmo ensino antigo que mudou apenas o nome.

Segundo Freire (1969), busca-se uma educação que possibilite o indivíduo discutir destemidamente sobre os seus problemas, e ao possuir consciência deles, lutar por melhorias. É fundamental uma educação que coloque o indivíduo em constante revisão e análise crítica de suas crenças. E além disso, busca-se uma educação que faça as pessoas dialogarem com o outro.

Paulo Freire, insistentemente, fala sobre a prática do diálogo como um passo para o desenvolvimento crítico. Não cabe apenas aos discentes aprenderem a dialogar, mas também aos próprios professores. Estes necessitam conhecer o contexto em que os estudantes vivem para que o ensino não seja precário. Isso mostra a importância dos docentes darem vida às palavras a partir do próprio exemplo. Ao estimularem os alunos a olharem de forma crítica as

suas realidades e os seus problemas por meio dos conteúdos que são ensinados, os docentes fazem uso da palavra, porém, só dão vida a elas quando mostram-se interessados em compreender a realidade dos alunos.

Entre as expectativas de desenvolvimento crítico, espera-se que ao ter criticidade, o aluno utilize-a em todos os momentos da vida. O “ser crítico” precisa estar desperto para discernir a verdade da opinião. Só após a reflexão da fala do outro, o indivíduo poderá julgar a assertiva falsa ou verdadeira. O outro pode ser a televisão, a mídia, os noticiários, o colega de classe, o livro, o mundo e todas as formas de comunicação. As falas necessitam de uma reflexão antes de serem assimiladas, incorporadas, para que cada um desenvolva a sua opinião sobre os fatos.

A opinião será formada a partir da transitividade da consciência. Nesse sentido, Freire (1969, p.90) disserta que “Só podíamos compreender uma educação que fizesse do homem um ser cada vez mais consciente de sua transitividade, que deve ser usada tanto quanto possível criticamente, ou com acento cada vez maior de racionalidade”. Para o autor, quando o indivíduo conhece os próprios limites ele está fazendo uso da racionalidade.

Em consonância com Paulo Freire, a BNCC, traz em suas habilidades a preocupação com a formação crítica dos alunos frente a prática do diálogo, o que é possível observar na seguinte habilidade da área de linguagens: “(EM13LGG302) Compreender e posicionar-se criticamente diante de diversas visões de mundo presentes nos discursos em diferentes linguagens, levando em conta seus contextos de produção e de circulação” (BRASIL, 2018, p. 485). A BNCC busca desenvolver um novo modelo de aluno, que a partir do ensino aprendizagem, mostrar-se-á mais comprometido com a realidade.

Espera-se que sejam formados cidadãos críticos, porém é preciso estar ciente que a posição crítica do aluno não se dá a partir de uma ou duas leituras, esse desenvolvimento requer tempo e a leitura de muitos gêneros textuais. A responsabilidade de inserção crítica do aluno no mundo não é tarefa fácil para os docentes, pois estes se deparam com inúmeras adversidades, as quais podem aparecer em alguns momentos como o desinteresse dos próprios alunos e em outros como os fatores internos ou externos ao ambiente escolar. Nem sempre os alunos saem da escola com uma formação crítica, isso não é apenas resultado do planejamento das aulas, da metodologia utilizada, da formação docente, das propostas pedagógicas, mas também do comprometimento dos discentes com a aprendizagem. É fato que em uma classe com quarenta alunos, nem todos possuem interesse pelos estudos. No ensino aprendizagem, tanto os

professores como os alunos precisam cumprir a sua parte. Os discentes devem estar cientes que a educação transforma e os educadores precisam ter consciência que o ato de ensinar não é uma transferência de conhecimentos.

Alunos e professores devem ter consciência que a educação transforma as pessoas em cidadãos críticos mais comprometidos com o mundo em que vivem.

#### 4 LITERATURA E DESPERTAR CRÍTICO

Segundo Candido (2004), assim como todos possuem o direito legal à moradia, à alimentação, à saúde, também possuem o direito de ter acesso à Literatura, pois ela é essencial para que a integridade dos seres humanos seja garantida. A Literatura está presente no cotidiano das pessoas, pois segundo o autor, não há a possibilidade de um indivíduo passar um dia sem entrar em contato com alguma forma de fabulação; querendo ou não o ser humano ao dormir sonha e os sonhos fazem parte do universo da ficção, ou seja, da Literatura.

A Literatura não só está presente no cotidiano das pessoas como também estritamente relacionada ao contexto social, já que, nos dizeres do autor, ela é uma maneira de manifestação dos homens em um determinado tempo. Assim, o indivíduo ao pronunciar-se, é influenciado pelo meio em que vive, portanto em uma história ficcional a realidade também está presente. A Literatura não é responsável apenas por desenvolver a criatividade, o encantamento, a imaginação e a fantasia, ela é mais do que isso: ao ser analisada por um viés sociocultural, ela possui a capacidade formadora.

Carneiro (2017, p. 97) salienta que:

[...] podemos observar nos ensaios de Antonio Candido que os textos literários expõem os modos de vida e interesses de determinadas classes e grupos sociais, pois a literatura é uma representação da sociedade, ou seja, apresenta uma relação entre as estruturas vigentes.

Muitas vezes, no ato da leitura, o leitor iniciante não percebe a importância do contexto social para a interpretação e para a compreensão da obra, fato que não passa despercebido pela sensibilidade de um leitor crítico ou que se encontra em um estágio de desenvolvimento da criticidade. É justamente na parte de interpretação que entra o trabalho do crítico literário, o qual é responsável por apresentar pontos cruciais para entender a obra.

Sabe-se que a Literatura tem a capacidade de formação e de transformação, porém nem sempre a sua função é tão clara para os jovens leitores.

Sobre a função da Literatura, Candido (2004, p.176) alega que:

A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive até o papel contraditório mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente.

Dessa forma, o autor explica que ao contrário do que muitos pensam, os efeitos da Literatura decorrem de suas três faces e não apenas da última, que é a aquisição de conhecimento. A primeira face é a maneira que a obra é construída, que as palavras são organizadas. Esta organização das palavras resulta na maneira como o leitor organizará a sua forma de pensar, de sentir e de ver a realidade, o mundo. Segundo o autor, a organização das palavras é o primeiro passo da humanização, porque primeiro ela organiza o espírito do leitor, depois este organizará o mundo; isso se dá porque a palavra possui o poder de tocar o leitor, ela propõe um sentido a ele. Assim sendo, o autor deixa claro que o conteúdo apenas consegue atuar devido à forma que o autor lhe concedeu. Desse modo, a estrutura da obra não deve ser menosprezada, pois ela, assim como as outras duas faces, é de extrema importância.

Candido (2004, p. 186) faz uma relação entre Literatura e direitos humanos de duas formas diferentes:

Primeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. [...] Em segundo lugar, a literatura pode ser instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual.

Para Antonio Candido, a Literatura é uma forma de humanização, uma vez que consegue tocar as pessoas através da organização das palavras, fazendo com que seus sentimentos sejam despertados, proporcionando uma atitude de mudança, tanto de pensamento como de visão de mundo. A Literatura também traz a possibilidade de desmascaramento das mazelas sociais, ou seja, as duas relações feitas pelo autor mostram a relação entre a Literatura e o social.

Na Literatura, a realidade sempre esteve presente, mesmo que haja a ficção. Da mesma forma, na vida sempre houve a presença da Literatura, em muitos momentos reais é possível presenciar a vida imitando fatos ficcionais das obras literárias. Antonio Candido, em seu trabalho como crítico, não apenas aponta a relação entre o literário e o social, como também

exemplifica de vários modos a comunicação entre eles, deixando claro que a Literatura é um meio de humanização, portanto um direito de todos e não apenas de uma parte da sociedade. Assim sendo, a Literatura passou a ocupar um lugar nos currículos escolares, foi transformada em disciplina escolar e atualmente é vista como um meio de desenvolver a criticidade dos indivíduos.

#### 4.1 A Literatura como aliada na formação do leitor crítico no Brasil

De acordo com Candido (2004, p.175):

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de educação e instrução, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.

Assim como Antonio Candido expôs, a Literatura apresenta-se como uma aliada na formação de crianças, jovens e adultos. A Literatura está presente nos documentos oficiais da educação e sua atuação na área da educação é apontada como um grande contributo na formação do cidadão crítico, característica necessária para viver em sociedade. A Literatura não traz histórias desconectadas do mundo, pelo contrário, traz o mundo conectado nela.

Não são todas as escolas que possuem uma disciplina voltada apenas para a Literatura. O ensino de Literatura, nas escolas públicas, é feito na disciplina de Língua Portuguesa. Falar sobre as obras literárias em uma aula de língua portuguesa não significa deixar de ensinar gramática e interpretação, mas abordar a gramática e a interpretação de texto a partir da leitura dos livros. Nesse sentido, Carvalho (2015) salienta que enquanto o discente dedica-se à leitura, ele também aprende sobre o funcionamento da língua, tanto de forma escrita quanto falada. Dessa forma, a Literatura e a gramática devem partilhar o mesmo caminho no ensino, a fim de formar um cidadão leitor.

Ao ler, o aluno precisa saber os significados das palavras para poder compreender o texto e lendo ele consegue perceber a estrutura da língua portuguesa, porém as obras não podem ser usadas pelo professor como pretexto para ensinar gramática, pois isto reduziria ou castraria a capacidade da Literatura formar a personalidade.

Nesse sentido, Vieira (2008) alega que a partir das novas propostas curriculares feitas na última LDB, foi permitido aos professores e à escola uma liberdade maior para organizarem o planejamento e escolherem os textos que desejam trabalhar com os alunos. A Literatura é vista como fundamental no ensino médio, pois nele a formação de leitores é um dos principais objetivos, assim sendo, o contato dos discentes com os textos literários é o caminho para alcançar tal objetivo. A autora ainda ratifica que ao incluir a Literatura na área de linguagens houve um avanço na área da educação.

Espera-se que, no Ensino Médio, o nível de leitura dos estudantes esteja amadurecido, pois é o momento em que o aluno lerá os cânones literários, os quais inclusive são cobrados nos vestibulares. Porém, a leitura dos clássicos não é importante apenas porque é exigida em provas, mas pelo seu poder de humanização. A escola busca formar cidadãos críticos, isto só se concretizará se a Literatura estiver presente no ensino. Os adolescentes precisam conhecer de maneira mais clara o mundo em que vivem e os problemas que os cercam, mas para isso eles necessitam ser leitores.

Sobre os efeitos da Literatura na formação dos sujeitos, Candido (2004) disserta que os resultados advindos dos textos literários são temidos e preconizados pelos docentes, pois, assim como na vida, nela está presente tanto o bem como o mal.

[...] ela não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração. Isto significa que ela tem poder formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada da própria realidade. [...] No âmbito da instrução escolar o livro chega a gerar conflitos, porque o seu efeito transcende as normas estabelecidas (CANDIDO, 2004, p. 175-176).

Dessa forma, Antonio Candido ratifica o papel formador da Literatura, porém adverte que os resultados decorrentes dela não podem ser previstos pelos educadores. Estes se apoiam nos documentos oficiais e em seus conhecimentos para formarem cidadãos que respeitem as leis, visando a uma sociedade mais democrática. Entretanto, do mesmo modo que o sujeito escolhe enxergar com bons olhos o mal ou o bem, na Literatura ele também possui esse poder de decisão, por isso a Literatura é ao mesmo tempo temida e recomendada. Nesse sentido, Arana e Klebis (2015, p.5028) afirmam que “O desenvolvimento intelectual de cada leitor está ligado a sua consciência, onde cada um absorve para si aquilo que achar mais conveniente”.

Urge a necessidade de cidadãos brasileiros mais conscientes, que sejam dotados de um sendo crítico para atuarem na sociedade. A escola, os educadores e os órgãos educacionais



seguem tentando melhorar a qualidade do ensino, apostando cada vez mais na capacidade literária. A respeito desta, ficou claro que ela possui o poder de formar a personalidade humana, embora seja imprevisível se o mal ou o bem prevalecerá, no entanto, os educadores seguem esperançosos que seja para o bem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as informações obtidas através dos estudos de renomados autores, pôde-se ratificar que a leitura é fundamental para o desenvolvimento da consciência crítica dos leitores. Ao ser empregada a concepção interacionista de leitura pelos educadores, a possibilidade de formar um cidadão crítico aumenta, ao contrário do que ocorre ao considerar a leitura apenas como decodificação dos signos linguísticos.

O leitor ativo, que resulta da concepção interacionista de leitura, adquire habilidades e competências, no decorrer do seu processo de formação, que proporcionam a ele a capacidade de usar o conhecimento prévio sobre o assunto tratado para chegar à compreensão, fazer inferências, interagir com o texto, encontrar as pistas deixadas pelo autor e chegar ao sentido que o autor quis passar ao escrevê-lo. Assim, a leitura pode ser considerada um ato social, pois, ao ler, o sujeito estabelece uma conexão com o outro que escreveu.

A percepção do discente em relação à concepção de leitura pode ser transformada se for mostrado a ele um novo ângulo de visão, este proporcionará um novo ponto de vista. O incentivo à leitura precisa ser um trabalho que integre: os educadores, os familiares, os documentos oficiais e a escola. Mesmo assim, a formação leitora é um desafio, pois, há ainda muitas adversidades, como: o desinteresse dos alunos, a má formação profissional, o uso de metodologias ultrapassadas, a renda familiar insuficiente e a concepção de leitura equivocada. Estes problemas são muitas vezes contributos à defasagem que acomete muitos estudantes.

Ao buscar explicitar e facilitar o desenvolvimento crítico, este estudo levou em consideração a polissemia da palavra crítica, razão pela qual, ela é empregada em contextos diversos, porém, esvaziada de significados. Assim sendo, para subsidiar esta pesquisa, buscou-se auxílio nos estudos de Paulo Freire, o qual define criticidade no âmbito educacional. O referido autor mostra que a criticidade passa através de três estágios de desenvolvimento: a intransitividade da consciência, a consciência transitiva ingênua e a transitividade crítica. A passagem de uma consciência para a outra é resultado de uma construção. É a curiosidade que

move o sujeito, que o faz ser impaciente perante o mundo. A este é adicionado os feitos da curiosidade que não é mais ingênua e sim crítica, pois o sujeito consegue enxergar, intervir e transformar o meio em que vive. Pôde-se confirmar que a criticidade é a capacidade de ler, apreender, refletir, compreender, analisar, obter uma resolução, opinar e transformar.

Como um caminho para o despertar crítico, busca-se adentrar os alunos no mundo da Literatura. A partir das ideias de Antonio Candido discutidas no trabalho, pôde-se averiguar que a Literatura está presente no cotidiano das pessoas e relacionada ao contexto social, este é fundamental para compreender a obra. Antonio Candido trata a Literatura através de um viés sociocultural, explicitando a sua capacidade formadora.

A Literatura não é apenas um instrumento de formação, mas também uma forma de humanização. Ela é capaz de dar vazão aos sentimentos, às visões de mundo e aos problemas, de forma que toque os leitores, a ponto de estes passarem por uma transformação. Além disso, ela é um meio de desmascaramento das mazelas sociais, esta capacidade pode ser observada em inúmeros livros.

A Literatura possui a capacidade de formação da personalidade, mas isso não quer dizer que seja apenas para o bem, pois assim como na realidade, o mal também está presente nela e cada leitor absorve para a sua consciência aquilo que achar mais adequado. Dessa forma, os resultados advindos da Literatura não podem ser previstos pelos educadores.

A partir das discussões levantadas durante a pesquisa, pode-se concluir que a leitura contribui para o desenvolvimento crítico à medida que faz o leitor questionar, refletir, inferir, solucionar, compreender, apreender, transformar e criar. Estas são competências que podem moldar tanto a própria personalidade, como a realidade em que cada um vive. Ratifica-se que a leitura é um caminho e a Literatura é um instrumento, as duas propiciam um futuro leitor mais crítico.

## REFERÊNCIAS

ARANA, Alba Regina de Azevedo; KLEBIS, Augusta Boa Sorte Oliveira. Literatura na sala de aula: a leitura de obras literárias na fase escolar. *In*: Congresso Nacional de Educação, 12., 2015, [S.l.]. **Anais [...]**. PUCPR: EDUCERE, 2015. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17264\\_7814.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17264_7814.pdf). Acesso em: 25 jul. 2021.

AZEVEDO, Ricardo. A didatização e a precária divisão de pessoas em faixas etárias: dois fatores no processo de (não) formação de leitores. **Literatura e Letramento – Espaços, suportes e interfaces – O jogo do livro**, Belo Horizonte, 2003. Disponível em: <http://www>.

ricardozevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/A-didatizacao-e-a-precario-divisao-de-pessoas-em-faixas-etarias.pdf. Acesso em: 16 jun.2019.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF :MEC, [2009]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 28 abr. 2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/ SEF, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/abril-2018-pdf/85121-bncc-ensino-medio/file>. Acesso em: 19 mar. 2021.

CAFIERO, Delaine. Letramento e leitura: formando leitores críticos. *In*: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena R. (orgs.). **Língua Portuguesa: ensino fundamental**. Brasília: DF: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010. p.85-106.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.

CARNEIRO, Ana Paula Lima. Pensamento crítico de Antonio Candido: algumas considerações. **Revista do Gelne**, Natal, v.19, n.2, p. 90-100, jul- dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/12141>. Acesso em: 06 jul. 2021

CARVALHO, Damiana Maria. A importância da leitura literária para o ensino. **Entreletras**, Araguaína, v. 6, n. 1, p.6-21, jan-jun. 2015. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br>. Acesso em: 25 jul. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a prática docente**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

KRAMER, Sonia. Propostas Pedagógicas ou Curriculares: Subsídios para uma leitura crítica. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 18 n. 60, p. 15-35, dez. 1997. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010173301997000300002&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010173301997000300002&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em: 02 mai. 2021.

LEITOR. *In*: **Miniaurério Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

RAIMUNDO, Ana Paula Peres. A mediação na formação do leitor. *In*: CELLI – Colóquio De Estudos Linguísticos E Literários. 3, 2007, Maringá. **Anais[...]** Maringá, 2009, p. 107-117. Disponível em: [http://www.ple.uem.br/3celli\\_anais/trabalhos/estudos\\_literarios/pdf\\_literario/010.pdf](http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_literarios/pdf_literario/010.pdf). Acesso em: 25 jan. 2021.

SCHUTZ, M. D.; GONÇALVES, L. I. Concepções de leitura – reflexões sobre a formação do leitor. **Disc. Scientia**. Série: Artes, Letras e Comunicação, S. Maria, v. 10, n. 1, p. 55-76,

2009. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumALC/article/view/738>. Acesso em: 23 abr. 2020.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Concepções de leitura e suas consequências no ensino. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 17, n. 31, p. 11-19, jan./jun. 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewfile/10708/10213>. Acesso em: 21 mar. 2021.

VIEIRA, Alice. Formação de leitores de literatura na escola brasileira: caminhadas e labirintos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 38, n. 134, p. 441-458, maio-ago. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/gMZ6vX8D5mBvp5f93NytWRf/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 04 set. 2021.

ZANK, Cláudia; RIBEIRO, Jorge Alberto Rosa; BEHAR, Patricia Alejandra. O significado de crítica e sua relação com a concepção de educação. **Currículo sem Fronteiras**, [S.l.], v. 15, n. 3, p. 851-877, set./dez. 2015. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol15iss3articles/zank-ribeiro-behar.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2021.